



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE TEATRO LICENCIATURA**

**ALEX SANDRO DE AZEVEDO
(ALEX ZAMPIELLY)**

**PRODUÇÃO EXECUTIVA: OS ENTREMEIOS DOS
PROJETOS DE EXTENSÃO CINE AXÉ E COCO ALAGOANO
PISADA FORTE NO CURSO DE TEATRO
LICENCIATURA/UFAL**

Maceió
2021

ALEX SANDRO DE AZEVEDO

(ALEX ZAMPIELLY)

**PRODUÇÃO EXECUTIVA: OS ENTREMEIOS DOS
PROJETOS DE EXTENSÃO CINE AXÉ E COCO ALAGOANO
PISADA FORTE NO CURSO DE TEATRO
LICENCIATURA/UFAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção de título de Graduado em Teatro Licenciatura.

Orientador: Prof. Dr. José Acioli da Silva Filho

Maceió
2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade – CRB-4 - 1251

A994p Azevedo, Alex Sandro de.

Produção executiva: os entremeios dos projetos de extensão Cine Axé e Coco Alagoano Pisada Forte no curso de Teatro licenciatura/UFAL / Alex Sandro de Azevedo. – 2021.

49 f.

Orientador: José Acioli da Silva Filho.

Monografia (Trabalho de conclusão de curso em Teatro licenciatura) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes. Maceió, 2021.

Bibliografia: f. 42-43.

Anexo: f. 44-49

1. Produção cultural. 2. Projeto Cine Axé. 3. Projeto Aula espetáculo Coco alagoano pisada forte. 4. Projeto de extensão – Universidade Federal de Alagoas. I. Título.

CDU: 792

DEDICATÓRIA

À Deus e aos meus guias de luz; à minha maior inspiração na vida, minha mãe Maria de Fátima da Silva Azevedo; ao meu pai, Antônio Feliciano de Azevedo (In memoria); e, aos meus irmãos pela força: Adriana, Marcos e Rose.

AGRADECIMENTOS

São tantos agradecimentos na minha trajetória acadêmica que tenho até medo de deixar alguém de fora, mas vamos:

Primeiramente, à minha família, por me dar a força necessária para seguir, aos meus amigos e amigas com quem compartilho a vida: Jackie Silva, Wagner Santos, Rilton Costa, Eridveson Souza, Dario Junior, Emmanuel Lima e Rid Teixeira;

Ao meu marido Luis Augusto Cruz Santos, por me motivar e não me fazer desistir;

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Acioli da Silva Filho, pela confiança que depositou em mim, que se tornou um grande amigo e esteve ao meu lado me aconselhando, sendo luz no meu caminho durante minha trajetória acadêmica;

Ao Prof. Me. Washington Monteiro da Anunciação, pelo carinho e me ensinar o que é jogo, além de ter aceito o convite para a Banca Examinadora;

À Prof^a. Me. Anna Christina de Queiroz Rodrigues, por ter me ensinado sobre Produção Cultural e ter aceito participar da minha Banca Examinadora;

Ao Prof. Dr. Marcelo Gianini, por acreditar em mim mesmo quando nem eu acreditava e tantas vezes me ouvir, contribuindo de forma efetiva na minha formação acadêmica e de vida;

Ao Prof. Dr. Ivanildo Piccoli, por me abrir a primeira porta na Universidade, pela parceria, carinho, respeito e aprendizado ao longo do caminho;

À Prof^a. Dr^a. Telma César pelas inquietações, narrativas transformadoras e por ser essa potência criadora;

Às queridas Prof^a. Dr^a. Lara Couto e Prof^a. Dr^a. Ana Flávia Ferraz, que dividiram conhecimentos contribuindo na minha vida acadêmica;

Ao corpo docente e minha turma que me fizeram evoluir como ser humano.

“Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo. Todos podem agir”.

(Paulo Freire)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo discorrer sobre minhas vivências com produção executiva em cultura dentro da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), tendo como ponto de partida o recorte de dois projetos de extensão nos quais tive a honra de escrever e produzir, são eles: Projeto Cine Axé e Aula Espetáculo Coco Alagoano Pisada Forte. O primeiro passou no edital do Programa de Ações Afirmativas Zumbi e Maninha Xukuru-Kariri, promovido pelo Núcleo de Estudos Afro-ameríndios (Neab/Ufal), com a temática: “Educação, saúde, cultura, língua e territorialidades”; e o segundo, no Edital do Programa de Iniciação Artística (Proinart), promovido pela Coordenação de Assuntos Culturais (CAC/Proex/Ufal), ambos no ano de 2016. O trabalho pretende traçar percalços e entremeios entre os modos operantes da produção executiva dos dois projetos, buscando suas intersecções. Assim, para início do pensamento faço referências aos meus caminhos com conceitos relacionados à temática, formando o alicerce de análise. Posteriormente, faço um aprofundamento na Universidade e em seus editais, para, por fim, pensar na experiência dos projetos na perspectiva do produtor cultural.

Palavras-chave: Cultura, Produção executiva, Projetos, Extensão, Teatro.

ABSTRACT

This research aim to talk about my experiences with executive production in culture within the Universidade Federal de Alagoas (Ufal), having as a starting point the clipping of two extension projects in which I had the honor to write and produce, they are: Projeto Cine Axé and Aula Espetáculo Coco Alagoano Pisada Forte. The first passed the notice of the Programa de Ações Afirmativas Zumbi e Maninha Xukuru-Kariri, promoted by the Núcleo de Estudos Afro-ameríndios (Neab/Ufal), with the theme: "Education, health, culture, language and territorialities"; and the second, in the notice of the Programa de Iniciação Artística (Proinart), promoted by the Coordenação de Assuntos Culturais (CAC/Proex/Ufal), both in 2016. The work intends to trace mishaps and insets between the operating modes of the executive production of the two projects, looking for their intersections. So, to start thinking, I make references to my paths with concepts related to the theme, forming the foundation of analysis. Then, I delve deeper into the University and its notices and I finish by thinking about the experience of projects from the perspective of the cultural producer.

Keywords: Culture, Executive Production, Projects, Extension, Theater.

LISTA DE ABREVIATURAS

CAC	Coordenação de Assuntos Culturais
FMAC	Fundação Municipal de Ação Cultural
Fumproarte	Fundo Municipal de Apoio à Produção Artística e Cultural
Neab	Núcleo de Estudos Afro-ameríndios
PCC	Projeto Pedagógico de Curso
Proex	Pró-reitoria de Extensão
Proinart	Programa de Iniciação Artística
Pronac	Programa Nacional de Apoio à Cultura
Ufal	Universidade Federal de Alagoas
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – CONCEITOS E MEMÓRIAS SOBRE CULTURA E POLÍTICAS CULTURAIS: UM PASSEIO NO BRASIL	16
1.1. Gestão e Produção Cultural no Brasil: conceitos e práticas no Brasil	17
1.2. A Produção Cultural em Alagoas: percepções do mercado de trabalho	20
CAPÍTULO 2 - A UNIVERSIDADE, A EXTENSÃO E A CULTURA: UMA TRÍADE DE PODER PARA A ARTE	22
2.1. Universidade Federal de Alagoas e sua organização	22
2.2. A importância do Projeto de Extensão	24
2.3. Os editais de extensão: As políticas de distribuição de bolsas	26
CAPÍTULO 3 - OS ENTREMEIOS DOS PROJETOS DE EXTENSÃO: O TEATRO EM CENA	27
3.1. A Produção do Projeto Cine Axé	29
3.1.1. Os Objetivos do Projeto Cine Axé	30
3.1.2. Os Equipamentos Usados no Projeto	30
3.1.3. Os Fatores de Acompanhamento, Avaliação e Indicadores	31
3.1.4. Os Filmes Inseridos no Projeto	31
3.1.5. Circulação do Projeto Cine Axé	32
3.2. O Projeto de Extensão Aula espetáculo: Coco Alagoano Pisada Forte	35
3.2.1. Circulação do Projeto Coco Alagoano Pisada Forte	38
3.3. Percorrendo o caminho: dificuldades apontadas nos dois projetos	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS	44
1. Referências filmográficas do Projeto Cine Axé	44
2. Registro de imagens dos projetos	44

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo discorrer sobre dois projetos de extensão realizados pela Universidade Federal de Alagoas (Ufal), discutindo a produção, execução, modo operante e estruturação de cada um deles. Esses dois projetos foram aprovados em editais em 2016. O primeiro, Projeto Cine Axé foi aprovado no edital do Programa de Ações Afirmativas Zumbi e Maninha Xukuru-Kariri, promovido pelo Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (Neabi/Ufal). O Cine Axé foi coordenado pelo Prof. Dr. José Acioli da Silva Filho e tem como proposição levar a sétima arte às escolas públicas.

O Cinema, conhecido como a Sétima Arte, é uma maneira de expressarmos nossas ideias, sensações, opiniões; de nos conectarmos com outras pessoas e com o mundo ao nosso redor. Antes de seu surgimento, que ocorreu na passagem do século XIX para o século XX, isso era feito prioritariamente através das outras Seis Artes (Música, Dança, Pintura, Escultura, Literatura e Teatro). Mas, apesar de seu recente tempo de vida, o Cinema já nos trouxe muitas possibilidades de encantamento, reflexão e aprendizado.

As equipes pedagógica e administrativa das escolas buscam alternativas para dinamizar o ensino e a aprendizagem, o “Cinema” nesta perspectiva serve como instrumento didático para inserção dos temas transversais na sala de aula, provocando a reflexão e sensibilização dos temas propostos. Por essas razões expostas, se dá a relevância do Projeto “Cine Axé”.

O Cine Axé tem uma trajetória mesmo antes de está presente dentro da Universidade, teve sua origem na casa de Casa de Iemanjá (Casa de Axé localizada no bairro Riacho Ponta da Terra em Maceió) que é coordenada pelo sacerdote Babá Omitology, conhecido como Pai Célio de Iemanjá. O projeto é um dos equipamentos culturais pertencentes a Casa de Iemanjá, que desenvolve grandes ações culturais na comunidade, junto com seu Núcleo de Cultura Afro brasileira Iyá Ogun-Té coordenado pelo Ogan e Prof. Esp. Amaurício de Jesus. A Casa de Iemanjá foi criada por Maria Rodrigues, popularmente conhecida por Maria Garanhuns, no final da década de 40. Após a morte de Maria Garanhuns o seu neto Célio assume a casa até os dias de hoje.

O Cine Axé começa exibindo filmes com narrativas afro brasileiras e indígenas nas escolas e casa de axé e também nas escolas na cidade de Maceió. A

casa sempre trabalhou ações afirmativas das religiões de matriz africana, levando conhecimento e desmistificando a religião, dentre elas o Cine Axé que levava cinema as escolas de Maceió. Devida a questões a um longo calendário de eventos Casa o projeto tinha diminuído suas exibições, nesse meio tempo surge o edital na Universidade e minha ideia de se inscrever no edital com a proposta de usar a sétima arte nas escolas para fins didáticos, surge então uma linda possibilidade parceria entre Universidade e comunidade. A Casa de Iemanjá, já tinha todos os materiais necessários para execução, tendo como ponte para essa parceria o professor Dr. José Acioli Filho, entramos como o material humano (Equipe de bolsistas).

Sua metodologia consiste em exibir um filme com a temática afro e, ao final da sessão, os alunos bolsistas provocam debates, ou seja, levantar e direcionar questionamentos acerca de temas relevantes nas relações ético-raciais, visando o impacto social de trajetórias negras, desenvolvimento humano através do empoderamento, educação e discutindo o machismo estrutural.

O projeto funcionou da seguinte forma: na primeira etapa, o grupo com dois discentes bolsistas, um aluno colaborador e um professor orientador, iniciou suas atividades de pesquisa e levantamento dos filmes e aprofundou seus conhecimentos teóricos com leituras, através de resenhas críticas e bibliográficas sobre troca de conhecimentos das temáticas afro-brasileiras, indígenas e quilombolas.

Na segunda etapa, a equipe de produção, integrantes do projeto, iniciou um diálogo com as possíveis escolas que poderiam exibir os filmes e, caso a escola aceitasse ser conveniada ao projeto, o grupo faria um reconhecimento das instalações locais para a exibição. Sobre o acesso, as exibições dos filmes eram realizadas de forma gratuita nas escolas. Todas as fotografias ficaram disponíveis ao público em redes sociais, mediante termo de consentimento de uso de imagem.

Após as escolas fecharem o convênio, o grupo manteve contato com os professores propondo atividades interdisciplinares que visavam ser trabalhadas com os estudantes após as sessões. Em cada escola eram realizadas exibições de filmes diferentes, após roda de diálogos e ao final exibido o documentário do que foi produzido nas sessões de todas as escolas participantes do projeto.

Para a realização das atividades foi estabelecida uma parceria da Universidade, através da coordenação do Projeto, com o Núcleo de Cultura Afro-

Brasileira Yjá Ogun-Té (Casa de Yemanjá), que é coordenado pelo Professor Amaurício de Jesus. Essa parceria se concretizou sem vínculo financeiro de ambas as partes e sem vínculos políticos. Foi então disponibilizado: um projetor, um telão, um microfone, uma caixa de som e uma extensão. O transporte do equipamento era realizado pelo professor orientador do projeto.

O segundo projeto, Aula Espetáculo Coco Alagoano: Pisada Forte foi aprovado no edital de Programa de Iniciação Artística (Proinart), promovido pela Coordenação de Assuntos Culturais (CAC/Proex/Ufal). A Aula espetáculo foi coordenada pela Prof^a. Dr^a. Telma César e fundamentada na historicidade do Coco Alagoano, que como cultura e forma de expressão popular foi alicerçada na musicalidade, nos trupés, nas palmas enviesada por textos narrativos contando trechos históricos. Tem como objetivo a circulação em escolas da cidade de Maceió, levando jovens e adultos a entrarem na roda e pisar ao som do pandeiro e outros instrumentos.

Para a criação desta aula-espetáculo, utilizou-se procedimentos de várias ordens: pesquisa bibliográfica e de campo, estudo do repertório musical e coreográfico do coco reconhecendo os modos mais tradicionais e contemporâneos desta manifestações, recorrendo, para isso, à vivência com mestres do saber popular. Após a fase de estudos e pesquisas, foram desenvolvidos os processos de criação, montagem e ensaios. Nesta fase, foram contactadas as escolas em que ocorreram as apresentações, com visitas prévias às instituições para os devidos esclarecimento aos gestores sobre a proposta do trabalho.

O roteiro da aula, que tinha duração de 50 minutos, ocorria da seguinte forma: 30 minutos apresentação sobre origem da dança do Coco, seus tipos e sua evolução até o dançado hoje, tudo sendo contado por um grupo de emboladores que se desafiavam com suas emboladas e trupés, ensinando ao público músicas, embolada, estimulando a participação de todos na roda. Após a apresentação, sempre havia um diálogo aberto com os alunos sobre o que foi exposto, com duração aproximada de 20 minutos.

O grupo era composto de oito discentes, sendo cinco bolsistas, três alunos colaboradores do Curso de Teatro Licenciatura e dois do Curso de Ciências Sociais. A maior parte do processo de pesquisa e criação foi realizada no Espaço Cultural Universitário (Ufal). Primeiro, foi realizada uma pesquisa com resenhas críticas e

bibliográficas, traçando levantamento histórico sobre origem e desenvolvimento do Coco, com argumentos amplamente debatidos e compartilhados, orientados pela Prof^a. Dr^a. Telma César. Houve um intercâmbio com o professor da disciplina de Antropologia da Arte, Prof. Dr. Bruno César, aprofundando nosso conhecimento teórico.

Na pesquisa musical, buscou-se identificar possíveis músicas e instrumentos para a construção da aula espetáculo. Na pesquisa corporal, houve oficinas com o Sr. Josenildo de Assis (filho do mestre Verdellino), executando trupés e passos característicos do Coco de Roda e também uma pesquisa de campo junto ao grupo de Coco Xique Xique (Jacintinho, Maceió/AL).

Após essa etapa, foi realizada uma pesquisa prévia sobre instrumentos e figurinos que foram utilizados na aula espetáculo: um pandeiro e um ganzá, instrumentos que os discentes adquiriram com recursos próprios. Quanto ao figurino utilizado, baseado em pesquisas descobriu-se que o Coco era celebrado como grandes festas nas sociedades, por isso, optou-se por um figurino leve, colorido e com peças do cotidiano que foram customizadas, trazendo visualidade ao figurino.

A equipe de produção, integrantes do projeto, iniciou um diálogo com escolas nos bairros: Benedito Bentes, Tabuleiro, Clima Bom e Pontal da Barra, que foram visitadas.

Após essa descrição dos projetos, esse trabalho aborda uma visão da universidade como propulsora de projetos de extensão que estimulem a cultura e a produção artística em toda a cadeia de produção dos mesmos. Como diálogo de produção, a pesquisa trata de alguns conceitos como: o termo cultura, produção cultural, produtor executivo, gestor cultural, entre outros.

A metodologia foi o levantamento bibliográfico e o relato de experiências, utilizados no âmbito descritivo, estabelecendo uma base de conhecimentos preliminares ao descrever os itens, procurando relacionar e explicar cada um. A pesquisa foi referenciada com materiais como: livros, revistas, artigos específicos atualizados, para, assim, enfatizar com precisão e coerência as informações levantadas e apresentadas no contexto realizado em estudo.

Esse trabalho, então, estruturou-se em três capítulos que se desdobram entre a trajetória das políticas públicas para cultura no Brasil, gestão cultural, produção cultural, universidade, extensão e sua relação com cultura, até os projetos

aprovados de extensão e suas respectivas execuções. O primeiro capítulo conduziu-se ao entendimento do conceito de cultura e de suas memórias quanto à política culturais, refletindo sobre gestão e produção cultural no Brasil, lançando um olhar sobre o mercado de trabalho do produtor executivo em Alagoas.

Já no segundo capítulo, buscou-se historiar sobre a Universidade Federal de Alagoas, sua estrutura e meu envolvimento com o Curso de Teatro Licenciatura, reafirmando a importância dos projetos de extensão, dando ênfase à necessidade dos dois editais em que se apoiaram os projetos e distribuição de bolsas para discentes nas academias.

Por fim, o terceiro capítulo trata de uma análise sobre os caminhos percorridos na produção executiva entre os projetos Cine Axé e Aula Espetáculo: Coco Alagoano Pisada Forte, como atividade de extensão do curso de Teatro Licenciatura da Ufal. Os mesmos, subdividiu-se em tópicos: produção do projeto, fatores de acompanhamento, avaliação e indicadores, filmes inseridos no projeto, circulação dos projetos e dificuldades encontradas em ambos projetos.

2. CAPÍTULO 1 – CONCEITOS E MEMÓRIAS SOBRE CULTURA E POLÍTICAS CULTURAIS: UM PASSEIO NO BRASIL

O termo Cultura assevera-se como um conceito de grande amplitude e complexidade. De acordo com Brant (2014, p. 37), para:

(...) a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), cultura pode ser entendida como o conjunto de características distintas, espirituais, materiais, intelectuais e afetivas que caracterizam uma sociedade ou um grupo social, incluindo as artes, as letras, os modos de vida, os sistemas de valores, as crenças e as tradições de um determinado povo.

A busca por uma definição que abranja o estudo proposto, a luz dos pesquisadores que já pesquisaram profundamente o entendimento de forma mais particular de cultura, Muylaert (2000, p. 17) expõe: “a cultura pode ser entendida, de forma resumida, como manifestações espontâneas de um determinado grupo social que, uma vez incorporadas ao seu modo de vida o caracteriza e o distingue dos demais”. Ainda segundo Muylaert (2000, p. 17), ela “(...) pode ser erudita, popular e agora também televisiva, já que o fator mais forte de influência cultural no Brasil é o fenômeno das programações assistidas por uma das maiores audiências do mundo”. No Brasil, o passado conta que houve uma responsabilidade do estado no apoio à área cultural. Nos anos 70-80, a criação de vários órgãos e o aparelhamento do Estado para controle da cultura e das artes era projeto de governo. Nos anos 2000, a globalização e o capitalismo trouxeram a iniciativa privada para o jogo como afirma Botelho (2001, p. 76-77):

A produção cultural brasileira [...] deve sua atividade basicamente às leis de incentivo fiscal federal, estaduais e municipais. Os recursos orçamentários dos órgãos públicos, em todas as esferas administrativas, são tão pouco significativos que suas próprias instituições concorrem com os produtores culturais por financiamento privado.

Entre os anos 2010 e 2017, os governos do Partido dos Trabalhadores fortaleceram a cultura através do fortalecimento de seu Ministério, mas os recursos financeiros continuaram mal distribuídos e nas mãos da iniciativa privada. Atualmente, as leis orçamentárias são emergenciais e pontuais, com um governo federal que extinguiu o Ministério da Cultura.

No que se refere às verbas destinadas à cultura, o Brasil, apesar de destinar muito menos recursos em termos quantitativos em relação a outras áreas, dispõe da iniciativa privada, através do marketing cultural e também com as leis de incentivo à

cultura, que ainda representam muito pouco do orçamento do Estado. Em muitos casos, é o patrocínio privado a única forma de ter financiamentos a projetos culturais garantidos.

1.1. Gestão e Produção Cultural no Brasil: conceitos e práticas no Brasil

O termo gestão cultural conceitua-se como um conjunto de atividades relacionadas à concepção, implementação, gerenciamento e avaliação de planos, políticas, programas, projetos e ações voltados para a produção, a distribuição e o uso da cultura. Segundo afirma Cunha (2017, p. 14), esse gestor busca atender a demandas culturais da sociedade e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas.

Conforme Martinell (1999, p. 4), os processos de gestão cultural podem dar-se tanto no âmbito de organizações da administração pública como secretarias de cultura, museus, centros culturais, entre outras instituições, como também em empresas, fundações ou institutos privados, em organizações da sociedade civil, ou mesmo em grupos culturais ou comunitários. Em cada uma dessas instâncias, a gestão assumirá características específicas, com diferentes graus de complexidade, e poderá recorrer a ferramentas de gestão que melhor se adequem aos seus objetivos.

Na administração pública, por exemplo, o caráter é de atender a determinadas necessidades de grupos ou indivíduos ou mesmo desenvolver ações de interesse público. Continua Martinell (1999, p. 9) afirmando que o foco é o desenvolvimento de uma região, na geração de oportunidades de emprego e renda, na ampliação do acesso aos meios de produção e fruição cultural, na melhoria das condições de vida da população, dentre outros objetivos.

A gestão cultural no âmbito de uma empresa privada permite visar os retornos institucionais que um projeto cultural é capaz de proporcionar ou às benesses fiscais obtidas por meio do uso da legislação de incentivo à cultura. Barros (2008, p. 6-7) expõem, então, a ideia que uma empresa que atua no mercado cultural pode preocupar-se com a concorrência ou com produtos e serviços que gerem lucro, mas uma organização sem fins lucrativos, por sua vez, pode privilegiar

meios para garantir a sustentabilidade de sua proposta ou mesmo a sua autossustentabilidade.

Estes são apenas alguns exemplos que mostram a diversidade de objetivos possíveis e a complexidade que a gestão cultural envolve; para cada situação, haverá ferramentas de gestão mais ou menos adequadas, mas é importante lembrar que não há modelos gerais a seguir. Tendo em vista a variedade de situações em que a gestão é requerida, assim como, a pluralidade de demandas culturais que possam vir a responder, a gestão envolve criatividade na busca de alternativas e inovação. Além disso, a partir do pensamento de Cunha (2017, p. 15) exige uma sensibilidade para a compreensão e a análise de dinâmicas sociais diversas, a capacidade de entender os processos criativos e de estabelecer relações de cooperação com o mundo artístico e suas diversidades expressivas.

Considerando que não existem modelos gerais, a gestão cultural precisa criar referenciais próprios de ação, adaptados às suas particularidades, a partir do conhecimento do contexto no qual vai atuar. Como agente de mudança, reafirmando Barros (2008, p. 8), o gestor precisa estar atento ao cenário cultural, identificando demandas, potencialidades, desejos e fragilidades locais, assumindo, desta forma, um papel de mediador que opera entre atores diversos.

Ainda, a gestão cultural pode envolver uma perspectiva de curto, médio ou longo prazo; pode efetivar-se no âmbito de políticas, programas, projetos, ou mesmo em eventos ou ações pontuais. Segundo Barros (2008, p. 5), inicialmente é necessário haver um reforço que se encontra num campo do conhecimento em que as denominações dos profissionais são flutuantes ou mesmo ambivalentes, e cujos sentidos diferem conforme o momento histórico e conjuntural do país.

Observa-se várias terminologias em uso ou já utilizadas pelo setor cultural: o Animador Cultural, aquele que faz a mediação entre indivíduos e modos culturais, atualmente associado à promoção do lazer; o Promotor Cultural, responsável pela divulgação e promoção de produtos artísticos e culturais; o Mediador Cultural, exerce a aproximação entre indivíduos e manifestações da cultura e da arte.

Mesmo com todas essas terminologias, o setor cultural organizado é ainda um campo recente de estudo. Atualmente, os conceitos e nuances de atividades vêm se concentrando nas figuras do Agente Cultural, que tem um cunho mais comunitário, viabilizador e estimulador de práticas culturais locais junto aos

diferentes grupamentos sociais; do Produtor Cultural, que é mais operacional e executivo junto à mediação entre a produção e a fruição dos bens e produtos culturais; e do Gestor Cultural, que assume o papel de pensar administrativamente em instituições culturais. Avelar (2008, p. 54) estabelece diferenças entre gestor cultural e produtor cultural:

O gestor, por outro lado, tem uma atribuição que antecede e precede o trabalho do produtor, uma vez que cabe a este profissional atuar em rede e planejar, avaliar as ações em todos os contextos, macro, micro e nano, criando oportunidades para o futuro.

Dentro desta perspectiva apresentada podemos confirmar o olhar múltiplo e analítico do gestor cultural. Já o produtor cultural dialoga em sua maior parte com a ação executora, como aponta ainda Avelar (2008, p. 52):

O produtor é o agente diretamente envolvido e responsável pela realização de eventos e projetos culturais, garantindo a qualidade e a concretização do produto cultural, executando para isso todas as demandas e imprevistos resultantes da produção.

O Gestor Cultural, de cunho mais formulador e proponente de políticas e programas culturais, viabiliza uma maior articulação entre as diferentes etapas da cadeia produtiva da cultura. Um dos desafios da universidade hoje é estabelecer diferenciações entre conceitos que circulam junto a este campo na contemporaneidade. ainda, o Administrador Cultural tem atividades similares ao gestor, mas é pensado como aquele que executa planos segundo interesses traçados externamente, por uma instituição cultural, por exemplo, ou pautadas por ações pontuais dos gestores culturais.

Como afirma Bayardo (2008, p. 57), “entende-se a gestão cultural como uma mediação entre os atores, as disciplinas, as especificidades e os domínios envolvidos nas diversas fases dos processos produtivos culturais”. Essa mediação acima torna possível a produção, a distribuição, a comercialização e o consumo dos bens e serviços culturais, articulando os criadores, os produtores, os promotores, as instituições e os públicos, conjugando suas diversas lógicas e compatibilizando-as para formar o circuito no qual as obras se materializam e adquirem sentido na sociedade. Continuando a citar Bayardo (2008, p. 57),

(...) ainda faz uma importante contribuição ao chamar atenção para todas as etapas envolvidas no sistema de produção cultural para as quais os mediadores culturais devem voltar sua atenção e seus cuidados profissionais, além de reforçar a ideia de uma necessária articulação entre os diferentes agentes e da mediação entre o fazer e o fruir de bens culturais.

A palavra produtor executivo neste projeto remonta ao produtor cultural enquanto função, apesar de em alguns momentos incorporado às atividades de gestão, o objeto de estudo aqui apresentado é sobre a função de executor e não concepção de projeto e pensamento administrativo futuro do mesmo. A pesquisa remonta a um projeto com início, execução e finalização, com um coordenador geral, a quem caberia a concepção de gestor, tendo os alunos como produção, assim, o olhar estendido é mais cabível ao produtor executivo.

1.2. A Produção Cultural em Alagoas: percepções do mercado de trabalho

A produção cultural em Alagoas em sua maioria sempre esteve ligada a políticas públicas quase inexistentes. Pode-se constatar a afirmação na gestão do Prefeito Rui Palmeira, de 2013 a 2020, na capital Maceió, junto a pela Fundação Municipal de Ação Cultural (FMAC), que lançou apenas um edital: o Prêmio Eris Maximiliano. Mesmo com essa má gestão pública, o mercado cultural e os artistas alagoanos nunca pararam suas produções, mesmo com recursos escassos, utiliza-se da criatividade seja com financiamentos externos ou com fundos coletivos.

O fazer cultural alagoano sempre esteve ligado a uma forma amadora, a produção cultural sendo executada por algum integrante do grupo, seja ele teatral ou musical, que tinha alguma afinidade com organização e administração. Também, a função de produtor cultural nunca trouxe glamour, pois o produtor é a figura dos bastidores, como afirma Rodrigues (2017, p. 32): “estabeleceu-se na prática em uso na cidade que o diretor ou um dos atores que mais se identifique com o processo de produção acumulam funções dentro do grupo e acabam por assumir o papel, normalmente reservado ao produtor”.

Com o passar das décadas pode-se perceber uma profissionalização dentro da estrutura de grupos locais, destaca-se a Cia. Nega, Associação Joana Gajuru, Coletivo Volante, Grupo Clows de Quinta, todos grupos e/ou coletivos de Maceió. Ainda citando Rodrigues (2017, p. 35):

Nesse começo de século XXI a figura do produtor, como todo o trabalho de administração teatral, parece estar em permanente evolução, tamanhas são as mudanças, assim, nota-se a presença mais ativa desse profissional na formatação dos projetos e mesmo nas discussões com os artistas sobre a concepção dos espetáculos, sem falar na sua busca permanente por uma qualificação tanto na gestão quanto no perfeito

entendimento do uso das leis de incentivo fiscal, na procura incessante por apoiadores e patrocinadores.

O interesse pela profissão tem aumentado, sendo também reflexo das produções que são fomentadas dentro da universidade, então Rodrigues (2007, p. 38):

Em Maceió, a Universidade Federal de Alagoas - UFAL é a instituição que mais forma profissionais para a área artística, não só a nível superior, mas dentro da Escola Técnica de Artes vinculada a ela no nível técnico profissional e cursos de extensão na área.

Mesmo com essa crescente profissionalização o produtor cultural é ainda mal remunerado ou não absorvido pelo mercado local. Nos interiores de Alagoas, a situação ainda é pior, por, além dos escassos recursos, a falta de incentivo do poder público no fomento à profissionalização da arte, promovendo apenas espetáculos musicais de artistas consagrados no mercado nacional.

3. CAPÍTULO 2 - A UNIVERSIDADE, A EXTENSÃO E A CULTURA: UMA TRÍADE DE PODER PARA A ARTE

A Universidade é um polo onde se converge toda a produção de conhecimento científico, respaldando até conhecimentos populares e sistematizando esse conhecimento, fazendo a difusão do mesmo. A Universidade não é o único lugar de produção de conhecimento, mas aprofunda, investiga e cataloga dados. Dentro da universidade, estuda-se para formação profissional, possibilitando errar, acertar e aprender com os erros.

Executei na Ufal cinco projetos de extensão, dos quais escrevi quatro e foram aprovados em editais. A extensão ocupa um lugar especial em minha vida profissional, pois foi onde exercitei minha escrita, investiguei e aprendi a ser produtor cultural, entendendo que muito do que fazia fora da Universidade já era o papel de produtor cultural. Produzir conhecimento e levar para além dos muros da academia é uma das experiências mais marcantes dentro destes quatro anos de graduação em Teatro Licenciatura.

Mesmo havendo muitos erros e coisas a melhorar dentro desse espaço de convivência pública, a Universidade ocupa um espaço poderoso de troca e vivências na caminhada para realização profissional. Estar na Ufal foi a realização de um sonho.

2.1. Universidade Federal de Alagoas e sua organização

A Ufal é a maior instituição pública de ensino do Estado e abriga diversos cursos, entre eles, os cursos de artes: Dança Licenciatura, Teatro Licenciatura e Música Licenciatura. A instituição tem como seu principal pilar a tríade ensino, pesquisa e extensão, foi fundada em 1961, vem consolidando-se como a mais importante universidade do Estado de Alagoas. Este reconhecimento deve-se à qualidade e abrangência das atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão realizadas em seus três Campi e suas respectivas Unidades Educacionais, nas cidades de Maceió (Unidade Educacional em Rio Largo), Arapiraca (com suas unidades Educacionais em Penedo, Palmeira dos Índios e Viçosa), e Delmiro Gouveia (com

sua unidade Educacional em Santana do Ipanema), e ainda os pólos de Educação à Distância.

A Pró-Reitoria de Extensão (Proex) tem por finalidade: “(...) contribuir para o fortalecimento de uma política universitária capaz de articular e consolidar a relação entre ensino-pesquisa e extensão, e assim viabilizar trocas educativas, culturais e científicas com a sociedade” (UFAL, 2021).

Atualmente, dada a grande dimensão que muitas universidades possuem, existe abaixo do reitor (a) a figura do pró-reitor (a) (assim como das pró-reitorias), um acadêmico responsável pela direção de uma determinada área de atuação da instituição. A Pró-reitoria de extensão (Proex) é responsável por planejar, coordenar e executar atividades extensionistas da Universidade, além de fomentar convênios e parcerias para viabilizar projetos para a interação universitária com a comunidade.

A Coordenação de Assuntos Culturais (CAC) é um setor dentro da Proex e tem por finalidade planejar e coordenar políticas de extensão e atividades artístico-culturais, desenvolvidas sob a forma de programas, ações, cursos e serviços especiais. Cabe também a CAC/Proex:

(...) articular parcerias com instituições externas à Universidade que permitam maior alcance das suas atividades por meio da ampliação dos recursos humanos e materiais necessários à sua consecução, assim como, incentivar ações para o atendimento de demandas da sociedade, especialmente do Estado de Alagoas (UFAL, 2021).

Durante a gestão da magnífica reitora Prof^a. Dr^a. Valéria Correia, a Pró-reitora de Extensão foi a Prof^a. Dr^a. Joelma Albuquerque, período no qual foram realizados os projetos que são objetos desta pesquisa. A extensão promove ações de impacto que ultrapassam os muros da Universidade, compartilhando conhecimento e experiências com a comunidade.

Assim, ao entrar na Ufal abrem-se oportunidades de aprendizado, mas muitos estudantes não se envolvem com vida acadêmica, não produzindo e saindo dela sem referencial. O Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (Neab), por exemplo, onde um dos editais selecionou um dos projetos objetos desta pesquisa, é um dos locais onde se pode viver academicamente num sentido completo de pesquisa, ensino e extensão.

O Núcleo foi criado em 1981 em momento efervescente dos movimentos negros no Brasil, sobre o olhar do negro sobre o próprio negro. Em sua gestão, possui um diretor indicado pelo reitor e servidores permanentes. Envolve-se em suas

ações equipes de professores, estudantes e pesquisadores de várias áreas de estudos, portanto, é sempre com um olhar multidisciplinar.

Em 2016, a direção estava a cargo da Prof^a Dr^a. Lígia Ferreira, pesquisadora das ações afirmativas para o povo negro. Neste ano, lançou o edital do Programa de Ações Afirmativas Zumbi e Maninha Xukuru-Kariri como uma de suas ações. Esse trabalho desenvolve empoderamento e conscientização de direitos da população escravizada e usurpada pelos seus colonizadores. Conheci o trabalho do Neab através do edital, foi onde busquei entender o programa e as ações e me envolvi cada vez mais com a temática.

Já o Programa de Iniciação Artística (Proinart) é gerido pela CAC, que também é responsável pela produção artístico-cultural institucional de todos os três campi da Universidade. Coordenado em 2016 pelo Prof. Dr. Ivanildo Piccoli, trabalhou com uma equipe reduzida de colaboradores, entre eles: técnicos administrativos, produtoras e produtores culturais. Acompanhei o ritmo de trabalho da Cac e suas demandas, pois prestava serviços por uma empresa terceirizada da Universidade. O Proinart se constitui de:

(...) projetos que contemplam a pesquisa, criação, produção e difusão de produtos artísticos nas áreas de Música, Artes Cênicas (Teatro, Dança e Circo), Literatura, Audiovisual e Artes Visuais (Performances, Fotografia, Design Gráfico, Pintura, Escultura, Moda e Instalação). (UFAL, 2021).

O Programa tem como fundamento a proposição de que a arte e a cultura constituem elementos significativos para o processo de formação acadêmica, profissional e cidadã dos sujeitos.

Visa despertar o interesse e estimular a participação da comunidade universitária em atividades artísticas e culturais, abrindo espaços para a expressão de talentos e potenciais criativos no meio universitário e nas suas relações com a sociedade do entorno e em geral através da extensão, contemplando as vertentes popular, erudita e clássica (UFAL, 2021).

A percepção sobre esse edital é que causa um grande impacto nos cursos de artes, gerando grandes resultados científicos.

2.2. A importância do Projeto de Extensão

Na realidade, como se conceitua um projeto de extensão? Seria um tipo de atividade de âmbito universitário, sendo capaz de ajudar tanto os estudantes, que, desta forma, passam aprender a fixarem estudos observados em sala de aula

através da prática, assim como também aos interessados, podendo ser beneficiados de serviços e conhecimentos que não estariam disponíveis de outra maneira. Um projeto reúne aspectos que consolidam sua natureza extensionista, de pesquisa e de ensino, fazendo valer a tríade a que se propõe a Universidade, por meio da natureza. A própria universidade colhe benefícios, porque une pontos importantes para pesquisas. Sendo assim é um fator em que todos lucram.

O quesito extensão é uma atividade de contexto acadêmico, não um serviço de assistência. Existem vários objetivos, dentre eles, a formação do aluno, a produção de um conhecimento para a universidade e socialização do conhecimento que a universidade já possui para a comunidade.

A atividade extensionista dentro da academia torna-se de suma importância, pois potencializa conteúdos aprendidos que ficam reverberando e, muitas vezes, pela ausência de direcionamento na pesquisa, acabam sendo esquecidos. Essa ponta da tríade possibilita o acompanhamento de prazos específicos e cumprimentos das ações cobradas pelo coordenador do projeto.

Os programas são formados por vários eixos e ações interconectadas e são gerenciados pela Pró Reitoria de Extensão: De acordo com a Resolução UFAL 65/2014, por Programa de Extensão:

(...) entende-se um conjunto articulado de projetos e outras ações de extensão, que possuem caráter orgânico-institucional, clareza de diretrizes e orientação para um objetivo comum, sendo executado a médio e longo prazo, preferencialmente integrando às ações de pesquisa e de ensino. É importante ressaltar que os Programas de Extensão devem estar devidamente compatibilizados com os Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação em função das demandas sociais de cada área. Também é importante destacar que cabe às Unidades Acadêmicas/Campi Fora de Sede o planejamento, a execução e a avaliação de seus Programas de Extensão". (UFAL, 2021).

O projeto é a materialização de ideias estruturadas através de uma escrita organizada, planejada, detalhada, coesa e de produto, seja ele tangível ou intangível. Um projeto de pesquisa é um norteador que conduzirá a trajetória da pesquisa. Nele encontram-se os referenciais teóricos, o foco da pesquisa e seus questionamentos.

Assim, o projeto extensionista é uma ação focada em pesquisa e ensino com prazos determinados de execução e que pode compor a ação de um programa ou não. Então, eles podem ser capacitações, eventos, difusão cultural, entre outros, não existindo um viés de pesquisa fechado e definitivo.

2.3. Os editais de extensão: As políticas de distribuição de bolsas

A políticas públicas executadas desde o Governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva até o governo da Presidenta Dilma Rousseff (PT), entre os anos de 2013 a 2017, defendiam e construíram para a permanência do aluno na instituição de ensino público, a fim de diminuir a desigualdade social, fazendo assim repasses financeiros a Universidade. Por sua vez, gerenciando recursos e fazendo os repasses através de editais, as Universidades contemplavam alunos com bolsas de um ano no valor de R\$ 400,00 (quatrocentos reais) mensais.

É indubitável a contribuição dos editais na vida acadêmica, primeiro porque é um processo transparente, onde o resultado é por mérito e são avaliados requisitos pré-definidos, variando as pontuações de acordo com o cumprimento dos dos mesmos. Segundo proporciona ao discente um amadurecimento e enriquecimento de conhecimento aprofundado nas pesquisas; e, terceiro, pelo valor financeiro onde o aluno pode manter-se com passagens, cópias, lanche, material de consumo, entre outros gastos com a vida acadêmica.

No ano de 2015, submeti meu primeiro projeto no edital do Proinart e o mesmo não foi selecionado. No ano de 2016, submeti dois projetos e os mesmos foram aprovados, por isso tem que se ler e reler os itens a fim de pontuar em cada um. O processo de escrita e aprovação do Ciné Axé se deu de forma orgânica, pois sempre fui presente nas discussões e causas étnicas raciais. Com a possibilidade de fazer algo pela comunidade, escrevi o projeto e sempre pensei em trabalhar ações afirmativas de cunho social. Partindo deste princípio, fui fundamentando a escrita, abaixo transcrevo trechos que foram norteadores para a escrita:

EIXOS DOS PROJETOS 1- Desenvolvimento rural e urbano das comunidades afro-brasileiras e/ou indígenas e/ou quilombolas em Alagoas; 2- Cultura e arte afro-brasileiras e/ou indígenas e/ou quilombolas em Alagoas; 3- Território e territorialidades afro-brasileiras e/ou indígenas e/ou quilombolas em Alagoas; 4- Crenças e religiões afro-brasileiras e/ou indígenas em Alagoas; 5- Saúde das populações afro-brasileiras e/ou indígenas e/ou quilombolas em Alagoas; 6- Línguas e falares afro-brasileiros e/ou indígenas e/ou quilombolas em Alagoas; 7- Educação para as relações étnico-raciais (afro-brasileiras e/ou indígenas) em Alagoas (Texto retirado do edital do Programa de Ações Afirmativas Zumbi e Maninha Xukuru-Kariri Nº 1/16, p. 01 - UFAL, 2021).

Então, consegui ao final da escrita deixar claro todo o projeto, justificativa, metodologia, estratégias da ação e cronograma. Já o edital do Proinart se apresenta com um viés artístico-cultural, tem como objetivo a iniciação produção artística de

alunos, técnicos e professores, e a difusão destas produções dentro e fora da universidade, incentivando o surgimento de coletivos. Transcrevo alguns trechos do edital, pois observei que estes itens me concederam a sustentação necessária ao desenvolvimento da escrita:

O programa tem como fundamento a proposição de que a arte e a cultura constituem elementos significativos para o processo de formação acadêmica, profissional e cidadã dos sujeitos. Visa despertar o interesse e estimular a participação da comunidade universitária em atividades artísticas e culturais, abrindo espaços para a expressão de talentos e potenciais criativos no meio universitário e nas suas relações com a sociedade do entorno e em geral através da extensão, contemplando as vertentes popular, erudita e clássica. Os projetos devem estar em sintonia com os Projetos Pedagógicos dos Cursos – PPC e do Plano de Desenvolvimento da Unidade e da Instituição – PDU e PDI. (Texto retirado do edital Proinart Nº 3/16, p. 01 - UFAL, 2021).

Dentro dos fatores que elevaram a pontuação, tentei estar inserido em todos os critérios envolvidos:

CRITÉRIOS PESO PONTUAÇÃO Foco central na criação de uma produção artística 0,4 0-10 Mecanismos facilitadores de troca de saberes e aprendizagens 0,4 0-10 Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão 0,4 0-10 Viabilidade técnica 0,2 0-10 Interdisciplinaridade (interface entre alunos de, no mínimo, 2 (dois) cursos diferentes). (Texto retirado do edital Proinart Nº 3/16, p. 05 - UFAL, 2021).

Na escrita do projeto busquei pontuar em todos os requisitos até o de inserir pessoas de outros cursos, atendendo ao recorte necessário. A construção de um projeto apesar de cansativa é de extrema importância para a formação no campo artístico. Ter essa experiência ainda na academia e já lidando com editais é essencial para a formação de qualquer profissional da cultura e da arte.

4. CAPÍTULO 3 - OS ENTREMEIOS DOS PROJETOS DE EXTENSÃO: O TEATRO EM CENA

O curso de Teatro Licenciatura tem a missão de formar e habilitar docentes para exercer a profissão no cargo de professores de Artes, produzindo conhecimento para o estado de Alagoas e para o mundo. O curso é composto por um corpo docente capacitado, constituído por mestres, doutores e alguns pós-doutores, sendo assim, permanece em constante evolução.

O Projeto Pedagógico do Curso (PCC) da matriz 2015 estava em curso enquanto os projetos de extensão foram realizados e traz em suas interfaces relações com a cultura popular, porém atualmente há um novo PCC, com matriz de 2019.

Ao longo destes quatro anos, pude vivenciar uma intensa relação entre o fazer teatral e a cultura popular, antes tão distante do universo do teatro. Com o andamento do curso, fui pesquisando sobre manifestações populares como: Bumba -Meu-Boi, Coco de Roda, Guerreiro, Pastoril, Literatura de Cordel e Cavalo Marinho. O curso de Teatro Licenciatura através do seu PCC Matriz 2015 propõe esse diálogo, seja pela disciplina Projetos Integradores (I, II, III, IV, V, VI) ou nos projetos de extensão:

O diálogo com a cultura de tradição popular se fará através de atividades de Extensão, das disciplinas de ensino - em especial Projetos Integradores -, e dos projetos de pesquisa dos corpos docente e discente, o que faz com que a produção do conhecimento em geral torne mais forte o fundamento da Universidade: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Nesta perspectiva, este projeto visa estimular as formas de realização da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, que serão abordados mais amiúde na seção dedicada à estrutura curricular (Plano Pedagógico do Curso de Teatro Licenciatura, matriz 2015, p. 19 - UFAL, 2021).

Ao pensar sob a ótica do Curso, a minha construção de conhecimento na academia sempre foi pautada por questões ligadas à cultura popular, mesmo com o viés da sétima arte, me sinto inserido na cultura popular pela relação com os filmes ou pelas questões afro. A produção cultural dentro da academia vem primeiro por uma questão de permanência financeira, mas ao perceber a dimensão de um projeto artístico e os impactos, mudei a minha percepção e quis me tornar cada vez melhor

como produtor cultural e agente transformador social, entendendo a minha missão como educador.

Ainda na Ufal, busquei me aprofundar no universo da produção cultural, sendo monitor em curso de extensão sobre produção cultural. Em 2016, tive a grande honra de escrever e produzir simultaneamente estes dois projetos de extensão o Ciné Axé e a aula espetáculo: Coco Alagoano Pisada Forte

3.1. A Produção do Projeto Cine Axé

O projeto Cine Axé surgiu tendo como ponto de partida inquietações sobre questões afro-ameríndias e os debates que acontecem dentro e fora da universidade. Com o lançamento do edital do Neab (Proex/Ufal), do Programa de Ações Afirmativas Zumbi e Maninha Xukuru-Kariri, intitulado “Educação, saúde, cultura, língua e territorialidades, foi percebida a possibilidade de desenvolver um projeto com essa temática fora dos muros da Ufal, utilizando educação, arte, cultura, empoderamento maximizado a visão social da comunidade afro-ameríndias.

A equipe do Projeto Cine Axé foi composta pelo seguinte grupo: o bolsista Alex Sandro Azevedo e o bolsista David William Gomes dos Santos, o colaborador Thiago Henrique da Silva Melo e a estagiária Juliana da Silva Alves de Sena, que era a pesquisadora. Numa segunda edição, estava composta com a bolsista Lucélia Tayná Souza da Silva e a bolsista Juliana da Silva Alves de Sena, Alex Sandro Azevedo como monitor, David William Gomes dos Santos como colaborador e Thiago Henrique da Silva Melo como estagiário.

As etapas do processo de estruturação da produção do projeto Cine Axé eram compostas por:

1. Escrita do projeto: foram realizadas leituras do Edital, observando prazos e requisitos para pontual, após isso, pesquisa bibliográfica, estruturação do projeto, seguindo anexos contidos no edital.
2. Escolha da equipe: foi realizado um convite e apresentação do projeto para o Prof. Dr. José Acioli da Silva Filho, onde o mesmo aceitou coordenar o projeto por ser pesquisador da questões ético-raciais. Os membros do projeto foram selecionados por conhecimento e vulnerabilidade econômica, oportunizando bolsa e melhorando a realidade de vida destes alunos.

3. Execução do projeto administrativa: foram realizados cronogramas prevendo o marketing, definido logotipo e redes sociais, formas de atingir o público alvo, compras, com os materiais necessários para a execução da aula espetáculo, logística para a execução do projeto possíveis escolas e rotas para as mesmas.
4. Gestão de pessoas no projeto: foram realizadas capacitações técnicas, como leituras, seleção de filmes, pesquisa de acervo.

3.1.1. Os Objetivos do Projeto Cine Axé

Assim, estabeleceu-se o seguinte objetivo geral para o Projeto Cine Axé: fazer projeções de filmes de temática afro-brasileira, indígenas e quilombolas nas escolas da rede pública e ao final da exibição construir Rodas de Diálogos com convidados que fizeram exposição da temática.

Já em relação aos objetivos específicos, são: 1. Levar os filmes de temáticas afro-brasileiras, indígenas e quilombolas nas escolas públicas; 2. Mapear filmes de temáticas afro-brasileiras, indígenas e quilombolas; 3. Realizar convênio com as escolas; 4. Planejar juntamente com os Professores/as de cada Escola atividades continuadas depois das exibições; 5. Iniciar as exibições dos filmes nas escolas conveniadas; 6. Iniciar as exibições dos filmes nas escolas conveniadas; 7. Produzir um documentário durante o processo; 8. Editar e exibir o documentário.

3.1.2. Os Equipamentos Usados no Projeto

Asseverou-se uma parceria da UFAL com a Casa de Iemanjá e seu Núcleo de Cultura Afro Brasileira YíáOgun-Té, através do Prof. Esp. Amaurício de Jesus. Essa parceria se deu sem vínculo financeiro de ambas as partes e sem vínculos políticos partidários, mas de equipamentos, logística e pedagógica. O material utilizado foi um projetor, um telão, um microfone, uma caixa de som e uma extensão.

3.1.3. Os Fatores de Acompanhamento, Avaliação e Indicadores

Criou-se vários relatórios a cada exibição, cada participante terá seu Jornal de Pesquisa (diário de campo), o qual será utilizado na elaboração do relatório individual que foi formulado por cada discente subsidiando a elaboração do relatório final do projeto, a frequência e a participação nas atividades desenvolvidas do Projeto na aula espetáculo apresentada.

A gravação em vídeo documentário foi um instrumento auxiliar na mensuração da quantidade de público, assim como, subsidiou a análise da qualidade da apreciação do público no sentido da percepção de sua receptividade e interatividade com a proposta.

3.1.4. Os Filmes Inseridos no Projeto

A seguir os filmes inseridos no projeto pela equipe em nossas pesquisas e mapeamento dos mesmos:

- “Vista a minha pele”; conta a história de uma menina branca dentro de uma sociedade dominada por negros, ela estuda em escola particular graças a uma bolsa. Resolve concorrer a Miss Festa Junina na escola, acaba enfrenta vários problemas, entre eles o racismo por ela ser diferente, já que o padrão vigente é o negro. O filme é uma paródia, onde se inverte o padrão social para trazer uma reflexão sobre a discriminação racial.
- “O Xadrez das Cores”; nesse filme temos Maria e Cida, duas mulheres, uma negra e outra branca. Cida trabalha na casa de Maria como empregada doméstica. Maria trata Cida de forma preconceituosa, sempre usando piadas para ofender Cida e a cor da sua pele. Mas através de um jogo de xadrez as coisas irão mudar apesar das ofensas diárias Cida aprende a jogar xadrez e ensina uma grande lição a Maria.
- “Kiriku e a Feiticeira” que conta a história Na África Ocidental nasce um menino minúsculo, cujo tamanho não alcança nem o joelho de um adulto, que tem um destino: enfrentar a poderosa e malvada feiticeira Karabá, que secou a fonte d'água da aldeia de Kiriku, engoliu todos os homens que foram enfrentá-la e ainda pegou todo o ouro que tinham. Para isso, Kiriku enfrenta muitos perigos e se aventura por lugares onde somente pessoas pequeninas poderiam entrar;

3.1.5. Circulação do Projeto Cine Axé

A Escola Estadual Prof. Theonilo Gama, no bairro do Jacintinho, foi a primeira, quando o projeto ainda não estava associado à extensão da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Desta forma, logo após ser associado a Pró-Reitoria de Extensão da UFAL, temos as escolas:

1. Escola Estadual Tavares Bastos, no bairro do Farol; Foi onde ocorreu nossa primeira exibição.
 - Fomos bem recepcionados, a escola liberou as aulas para que todas as turmas participassem da exibição e bate papo. Depois de mudarmos de espaço duas vezes, conseguimos começar a exibição, apesar de termos escolhido anteriormente, percebemos que ele seria muito longo e trocamos pelo Xadrez das Cores, que tinha um tempo menor de duração.
 - O filme foi bem recebido pelos alunos, apesar do espaço ser pequeno e ter muita gente, conseguimos passar a ideia do projeto de forma suscita. Após a exibição foi dado início ao bate papo onde Pai Célio explanou um pouco sobre as causas afro-descendentes, depois foi aberto o microfone para que os alunos contribuíssem. Poucos expuseram suas opiniões a cerca do filme, mas apesar ai foi levantado grande questionamentos sobre discriminação racial.
2. Escola Anísio Teixeira, no bairro do Trapiche da Barra; nossa segunda exibição, atua na educação fundamental com alunos até os 12 anos.
 - Quando chegamos à escola já havíamos decidido que a primeira parte de exibições seria apenas com o filme “O Xadrez das Cores”, porém por detalhes técnicos exibimos o filme “Kiriku e a Feiticeira”, uma animação. Apesar de o filme ser muito longo, conseguimos exibi-lo de uma forma que não tomasse tempo.
 - O filme era dividido em pequenos capítulos onde podemos criar um desfecho sem perder a linha de continuação. O filme foi bem recebido por ser uma animação e o seu público ser essencialmente de crianças. O filme se mostrou uma ponte importante para trazer ao meio escolar lendas africanas.
 - Como bem sabemos, as estórias e lendas contadas dentro da educação vem de origens europeias, pouco se sabe das histórias e contos dos nossos

antepassados negros. Apesar de o público ser de crianças, a forma como eles receberam e interpretaram foi fantástica, se reconheceram e tiraram importantes lições. Os estudantes foram bem receptivos e participaram bastante do bate papo, mostrando para todos os profissionais envolvidos que a discussão sobre as diversas mazelas sociais é importante na formação das crianças.

3. Escola Estadual Prof. José da Silva Camerino, no bairro do Farol.

➤ Nos convidou para passarmos o dia exibindo o filme “Xadrez das Cores” para todos os estudantes, a divisão se deu através dos anos escolares, cada turma participou de uma sessão, ao todos tivemos exhibições. Tivemos a oportunidade de analisar os perfis dos alunos através do interesse nos bate papos.

➤ As turmas dos mais novos contribuíram de forma mais direta expondo relato de discriminação vivenciado na escola. As sessões ocorreram no horário da manhã, tarde e noite. A partir disso, pudemos fazer uma comparação e entender um pouco mais sobre a realidade escolar. Os temas abordados nas rodas de conversa foram além da discriminação racial. Conseguimos identificar outras formas de violência dentro do filme exibido e trazer uma discussão mais profunda sobre os variados temas. Ao final do dia de cinema, avaliamos de forma produtiva o projeto levando para as próximas exhibições um aprendizado maior.

4. Escola Municipal Silvestre Péracles, no bairro Pontal da Barra.

➤ Como nas outras escolas, exibimos o filme “Xadrez das Cores”, a escola preparou um local aconchegante com distribuição de pipoca para os estudantes. O filme foi bem recebido e na roda de debate conseguimos conversar bem com os estudantes, apesar da timidez da maioria para falar. Deixamos reflexões e trouxemos aprendizado para o percurso do projeto.

5. Escola Estadual Prof. Afrânio Lages, no bairro do Farol.

➤ A direção da escola liberou todos os alunos do turno da tarde para participar da sessão, foi a primeira vez que a equipe se apresentou sem a coordenação do Prof. Dr. José Acioli Filho, conseguimos cumprir com a nossa meta. Tinha em torno de 150 alunos no auditório da escola, exibimos o filme e como sempre iniciamos a roda de conversa. Os estudantes foram participativos do início ao fim, trazendo questões de racismo que vivenciaram em suas vidas, relatando como a educação foi transformadora para a mudança de postura em suas vidas.

6. Escola Municipal Dr. José Carneiro, no bairro do Farol; a sessão ocorreu à noite em um público de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

➤ Como sempre exibimos o filme “Xadrez das Cores” e iniciamos nossa roda de conversa, surgiram muitos relatos de racismo e outros preconceitos.

7. Centro de Referência da Assistência Social - CRAS Lagunar, no bairro da Levada;

➤ A convite da secretaria de assistência social fizemos uma sessão para crianças e pré-adolescentes que são atendidos pelo CRAS da Orla Lagunar, exibimos novamente o “Xadrez das Cores”, e como era um público formado essencialmente por crianças buscamos conversar sobre o filme de forma simples e usando exemplos de “brincadeiras” que agrediram os seus colegas de turma. Eles receberam bem a discussão e colaboraram contando suas histórias.

8. Encontro de Saúde e Educação da Universidade Estadual de Alagoas – UNCISAL.

➤ Nosso grande desafio foi fazer uma sessão no Encontro de Saúde, pois toda equipe veio de sessões em escolas, com um público mais comum do nosso convívio. Contudo conseguimos realizar a sessão igual as que fizemos nas escolas, e aprendemos muito com as falas dos participantes.

9. 8ª Bienal Internacional do Livro de Alagoas, da UFAL.

➤ Foi a primeira vez que alcançamos o público do interior de Alagoas, pois os participantes vieram em caravana para participar da 8ª Bienal do Livro. Conversamos após a exibição do Filme “O Xadrez das Cores” sobre diversos preconceitos e como a realidade da capital de Maceió é diferente das cidades menores que ficam distante da região metropolitana. As cidades que estiveram presentes foram: Penedo e Piaçabuçu.

10. Festival de Cinema de Penedo.

➤ Fomos convidados pela organização do Festival a realizarmos uma apresentação do Projeto, a programação se seguia de bate papo e exibição de dois filmes com a mesma temática. O primeiro foi o filme Relicários de Zumba da diretora Vera Rocha e depois o Xadrez das Cores, nosso filme mais exibido no projeto.

➤ Assistimos aos dois filmes e iniciamos nossa roda, Vera Rocha estava presente e nos privilegiou com uma fala sobre o processo de pesquisa e feitura do filme Relicários de Zumba e logo após iniciamos contando da nossa experiência com

o cinema dentro do Projeto Cine Axé. Foi um momento de entendermos nosso papel dentro desse processo que havíamos iniciado a quase 1 ano, foi enriquecedor podermos vivenciarmos cada sessão até aquele momento.

11. Projeto Ronda no Bairro, da Polícia Militar de Alagoas, situado na Casa dos Direitos no bairro do Jacintinho.

➤ Nossa última sessão ocorreu no Projeto Ronda no Bairro que atua com a prevenção de violência em diversos bairros de Maceió, fomos convidados pela equipe social para realizarmos uma sessão na Casa dos Direitos no Bairro do Jacintinho, para um grupo de meninos e meninas LGBTQI+ moradores do respectivo bairro, houve uma evasão e apareceram poucas pessoas desse público, mesmo assim conseguimos realizar a sessão e conversamos sobre as dores dessa comunidade marginalizada.

3.2. O Projeto de Extensão Aula espetáculo: Coco Alagoano Pisada Forte

O Coco foi umas experiências mais marcantes vivenciadas dentro do universo acadêmico. Projeto integradores II é uma disciplina do curso de teatro licenciatura da Ufal, a disciplina foi ministrada pela Prof^a. Dr^a Telma César, vivenciamos a historicidade do Coco de Roda, aprendemos, os tipos de coco, músicas, batidas de mão e trupes, conhecemos músicas de um grande mestre da cultura Alagoana, Mestre Verdelino (já falecido) com seu legado perpetuado pelos seus filhos. Realizamos uma visita técnica no grupo de coco Xique Xique localizado no bairro do Jacintinho (Maceió) com ensaios em uma escola da comunidade.

O coco de roda é uma das danças de maior representatividade no Estado de Alagoas. O autor Aloísio Vilela (1980, p. 18) nos fala sobre sua origem:

Depois de inúmeras investigações, recolhi recentemente em Viçosa, Alagoas, uma tradição que vem firmar definitivamente a origem do coco. Diz essa tradição, que de tomei conhecimento através de um velho proprietário do distrito de Chã Preta, que o coco foi inventado pelos negros dos Palmares. Como toda gente sabe, as palmeiras, principalmente a Pidonba, existem em grande quantidade naquela zona e o seu fruto, o coco muito apreciado. Os negros iam em busca do coco, tanto para comer a polpa dos maduros, como para retirar a amêndoa, chamada da coconha , dos secos. Mas, para retirar a coconha, os negros sentavam-se no chão, colocavam o duro coco seco sobre uma pedra e batiam com outra até que ela rachasse. A grande quantidade de negros empenhada nesse serviço provocava nas pedras uma zoadá enorme que se misturava com os seus costumeiros alaridos. E, em meio a esses barulhos reuniões, alguns começavam a cantar, outros se levantavam e davam início a um forte sapateado e os demais

uniformizavam a pancada das pedras para acompanhar aquele estranho ritmo que surgia (VILELA, 1980, p.18).

A criação desse projeto surgiu como um feitiço. A dança do “Coco de Roda” nos seduziu, as músicas tomaram conta dos nossos corpos, queríamos pisar, realizar algo. Então surgiu a aula espetáculo Chão Batido. Finalizamos a disciplina contando um pouco da trajetória do Coco.

Após a conclusão da disciplina, criei um projeto de uma aula espetáculo chamada Coco Alagoano Pisada Forte, que foi inscrita em no edital PROINART em 2016, aprovado, com participação dos alunos como bolsistas: Maria Jaqueline da Silva (Curso de Ciências Sociais), Hemison Araujo e Oliveira (Curso de Ciências Sociais), Wagner Nascimento dos Santos (Curso de Teatro Licenciatura), Tayná Barbosa Nogueira Pacheco (Curso de Teatro Licenciatura), Franciele Bessera dos Santos (Curso de Teatro Licenciatura). Como colaboradores: Alex Sandro de Azevedo (Curso de Teatro Licenciatura), Josival José da Silva Filho (Curso de Teatro Licenciatura), Yolanda de Lima Ribeiro (Curso de Teatro Licenciatura).

Etapas do processo de estruturação da produção do projeto Aula espetáculo Coco Alagoano Pisada Forte:

- Escrita do projeto: Foram realizadas leituras do Edital, observando prazos e requisitos para pontual, após isso pesquisa bibliográfica, estruturação do projeto seguindo anexos contidos no edital.
- Escolha da equipe: Foi realizado um convite e apresentação do projeto para Prof^a. Dra. Telma César, onde a mesma aceitou coordenar o projeto. Os membros do projeto foram selecionados por suas habilidades e competências tais como: Conhecimento prévio sobre coco de roda, fluência com trupes, vivência com instrumentos. Além destes critérios, dois participantes foram escolhidos observando um dos requisitos do edital da interdisciplinaridade (interface entre alunos de, no mínimo, 2 (dois) cursos diferentes) para assim conseguir atender a todos os requisitos subir a pontuação. Foi realizado um convite e apresentação do projeto para Prof^a. Dra. Telma César, onde a mesma aceitou coordenar o projeto.
- Execução do projeto administrativa: Foram realizados cronogramas prevendo o marketing, definido Logotipo e redes sociais, formas de atingir o nosso público-alvo, compras definidas, matérias necessários para a execução da aula espetáculo, logística para a execução do projeto possíveis escolas e rotas para as mesmas.

➤ Gestão de pessoas no projeto: Foram realizadas capacitações técnicas, treinamentos e desenvolvimento de competências, habilidades e atitudes dos participantes.

Com o grupo formado antes de tudo era necessário mergulhar no mundo do Coco Alagoano. A primeira atividade de submersão no coco foi uma oficina de trupe realizada pelos irmãos Os Verdinhos, filhos do grande Mestre Verdinho. Essa oficina ocorreu no dia 27 de agosto de 2016 na Escola Deraldo Campos no Vergel do Lago e foi a primeira edição do projeto: O Coco Alagoano "Pra Todo Mundo Pisar: Da Raiz ao Contemporâneo". Esse projeto ainda circulou por outras escolas e tinha como função manter vivo o coco não só em tempos de festa, mas por todo ano, com oficinas de trupe e percussão para as crianças, mas o projeto foi aberto para todas as pessoas de todas as idades.

Essa oficina foi muito salutar para o nosso grupo, agregando muito valor ao nosso projeto. Como nosso projeto tem o intuito de fazer uma aula espetáculo, com essa a oficina dos irmãos Verde Linho conseguimos ter uma boa noção de como o espaço deve ser usado dentro das escolas. Como utilizar a voz, a forma que foi feita a interação, como era passada a mensagem de forma acessível para as crianças. Foi possível absorver muita coisa naquela oficina. Naquele momento a nossa aula espetáculo já estava recebendo subsídios para ser montada. Os Verdinhos foram e são uma grande influência para nosso grupo. Nessa oficina foram apresentadas músicas do Mestre Verdinho e alguns trupés como xipapa, cavalo mango, trupe arrebatado e o miudinho. Nildo de Assis, o filho mais velho do mestre Verdinho, ainda falou um pouco da história do coco e como o seu pai vivia o coco, além de citar algumas situações vividas pelo seu pai e como era feita as festas durante o processo de pisar o barro para nivelar as casas que durava a noite toda.

Dentro desse processo de pesquisa, foram recomendadas leituras por nossa orientadora do projeto Prof^a. Dr^a. Telma Cavalcante, obras que nos auxiliaram na produção da aula espetáculo. Toda semana era lido um texto e discutido. Esse processo era feito para entendermos o que é cultura popular, tudo com uma base antropológica.

Esse processo ajudou bastante todo o grupo, com amplas discussões e troca de ideias. Dentro desse projeto, temos alunos que tiveram aula sobre o coco alagoano, os alunos que já tiveram uma vivência com o coco foram excelentes

parceiros para passar aos outros integrantes que ainda não tinham vivenciado com o coco. Ainda na pesquisa, cada integrante foi se aperfeiçoando em cada função, porém todos tinham que aprender a cantar a tocar e passar a mensagem de forma leve e solta para o público que era formado pela sua grande maioria por crianças e jovens. Mas sempre em busca por melhores desempenhos fomos se debruçando nas leituras.

Diante disso, o fator mais importante era ter o entendimento do conceito de cultura. Assim como na questão de como mergulhar no coco e como realizar o projeto nas escolas procurando compreender a realidade dos jovens e crianças. Como interagir com as crianças e como se aproximar delas. Procuramos absorver o mundo delas para que tivéssemos melhor abertura de interação.

3.2.1. Circulação do Projeto Coco Alagoano Pisada Forte

Devido a contratempos vividos no processo de criação, adiamos a circulação da aula espetáculo, que estava prevista para iniciar em março de 2017, para Maio do mesmo ano, realizamos a circulação em 6 escolas e em cada uma delas nos encantamos com o olhar aguçado e os corpos dos alunos que ao som do pandeiro respondia de forma rápida e precisa, era gratificante de ver a roda se formar e os trupés contagiantes. Fomos para: Escola Estadual Geraldo Melo, Escola Municipal Lafaiete Bello, Escola Estadual Dom Otávio Barbosa de Aguiar, Escola Estadual Pastor José Tavares de Souza, Escola Eunice Lemos Campos, Escola Estadual Professor Maria Lúcia Lins.

Todas as escolas estavam concentradas na parte alta da cidade nos bairros de: Graciliano Ramos, Benedito Bentes, Tabuleiro dos Martins. Ainda participamos da 8º Bienal do Livro de Alagoas. Dentro do universo escolar, assistiram a aula espetáculo mais de mil alunos.

3.3. Percorrendo o caminho: dificuldades apontadas nos dois projetos

As dificuldades encontradas nos caminhos trilhados pelos projetos foram em relação a gestão de pessoas, todo processo do projeto Cine Axé, por exemplo,

aconteceu com tranquilidade, pois era uma equipe composta por 4 alunos comprometidos com horários e sem faltas, que cumpriam cronogramas e prazos acordados. Os agendamentos com as escolas haviam prontidão nos aceites para receber o projeto. A logística de equipamento, montagem e desmontagem seguiam horários e contagem e revisão dos equipamentos. O material proposto pelo coordenador era analisado, lido e discutido respeitando prazo para devolutiva.

Já no segundo projeto, a Aula Espetáculo cumprimos: visita técnica, preparação com oficinas, pesquisas, resenhas, tudo dentro da normalidade do cronograma. Já no processo de ensaios, alguns participantes apresentaram faltas, atrasos e desligamento espontâneo do projeto, havendo uma substituição. Houve problemas com a agenda dos participantes, visto que muitos tinham atividades externas, e, até encontrarmos um equilíbrio, tivemos que mediar conflitos.

Quando os ensaios de montagem da aula estavam bem adiantados e precisou ser reconstruído, foram definidas novas funções para os participantes, atrasando o cronograma da execução das apresentações. A coordenação esteve presente apontando saídas e dando liberdade para o processo criativo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto é inegável a importância da extensão e seus projetos, que transcendem o aprendizado adquirido em sala de aula: estar inserido na comunidade, a aplicação do seu conhecimento, receber devolutiva desta pesquisa, é algo motivador, faz com que o aluno se torne um profissional melhor. Ser extensionista me fez enxergar a pluralidade de seres, de ideias, de pensamentos e realidades distintas que encontrarei nas escolas.

A escola foi e sempre será um campo lindo de aprendizagem, cada escola que estive observei dificuldade e, muitas vezes, alunos instigados pela cultura popular, outros que precisavam de mais estímulos para se inserir no grupo, outros empolgados por discutir a realidade social, outros que só observavam. Neste campo fértil da escola, deixei muito de mim como acadêmico-professor e levei muito dos alunos, como as narrativas de forte preconceitos vivenciados, as violências psicológicas vividas de alunos com baixas perspectivas e que eu, no meu papel de educador, consegui contribuir de alguma forma.

Aprendi que ser professor é facilitar processos e impactar para transformar, parece ser uma visão romantizada, mas vivenciei isso a cada pisada de pé, quando olhava o aluno e dizia: “Vamos fazer, você consegue.”, ou quando, em cada debate do Cine Axé, falava sobre oportunidade estabelecia a ponte ensino e aprendizagem e percebia a dificuldade de compreensão, incentivando as falas dos alunos, ou construindo pensamentos e questionamentos juntos. Percebi que esses projetos não se restringiam apenas a produção executiva, mas uma produção criativa, engajada e humanizada dialogando com os fazedores (Alunos/Professores), tornando essa experiência inesquecível, utilizando a pedagogia teatral e os componentes curriculares propostos no curso.

Sem dúvida, o aprofundamento nas pesquisas não seriam possíveis sem os editais, com contrapartida de bolsas, viabilizando a permanência do aluno e dedicação para a pesquisa. A bolsa tranquiliza em relação aos custos com a vida acadêmica, assim pode dedicar-se aos projetos, havendo um engajamento maior e vivenciando intensamente a vida acadêmica.

As produções são diversas e poder produzir o Cine Axé e Aula Espetáculo Coco Alagoano Pisada Forte dentro da Universidade tornou minha jornada singular de responsabilidade, amadurecimento profissional e resiliência, pois estive em todas as partes da execução do projeto, seja na produção como também no processo criativo, dirigindo a cena, vivenciando essa via de mão dupla que é o acesso da comunidade ao campo da pesquisa desenvolvido dentro da academia.

Estruturar e operacionalizar projetos com metas claras e prazos definidos, cronogramas, torna-se fundamental para o êxito do projeto. É preciso resiliência para mudar a rota traçada, liderança para não deixar a motivação da equipe cair e manter o foco nas metas e cronogramas.

Participar na escrita, produção e execução destes projetos foi uma experiência riquíssima, pode conhecer mais a fundo o universo da produção cultural, mergulhando no mundo do cinema, do coco alagoano, é uma oportunidade única. Tenho orgulho de ter concretizado a realização destes projetos e saber o quanto foram essenciais na vida de muitos (as) alunos (as).

Sendo assim, é fundamental, não só para as universidades, mas para o país políticas públicas para cultura, editais, bolsas e projetos que possibilitem o acesso, engajamento e permanência de estudantes/pesquisadores dentro das Universidades Públicas e no mercado de trabalho cultural.

6. REFERÊNCIAS

ACIOLI FILHO, José. Panorama da cenografia do teatro amador de Maceió. In: ANDRADE, Ronaldo de; BRANDÃO, Izabel (Orgs.). **O Teatro & Linda Mascarenhas: amadores em Maceió**. Maceió: Edufal, 2011.

ACIOLI FILHO, José. A Lei Nº 11.645/2008 no contexto das relações étnicorraciais na escola. **Pluralidades Cênicas**. Ana Flávia Ferraz; Joana Wildhagen e Otávio Cabral (Orgs.). Maceió: EDUFAL, 2017.

AVELAR, Rômulo. **O Averso da Cena: notas sobre produção e gestão cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: DUO Editorial, 2010.

AZEVEDO, Ana Maria Andrade de. **Mapeamento Cultural dos Pontos de Cultura do Sertão, Agreste e Litoral de Alagoas**. FENAJ 1702-PE Movimento Pró-Desenvolvimento Comunitário, 2014.

BARROS, José Márcio. Diversidade cultural e gestão: apontamentos preliminares. **IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Faculdade de Comunicação / UFBA, 2008.

BAYARDO, Rubens. A Gestão Cultural e a Questão da Formação. IN: **Revista OIC – Revista Observatório Itaú Cultural**, n. 6. jul./set. 2008. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. BOLLE, Willi (Org.). MATOS, Olgária Chain Féres (Col.). Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte/São Paulo: Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BRANT, Leonardo. **Mercado Cultural**. São Paulo: Escrituras, 2014.

COELHO, Teixeira. **A cultura e o seu contrário**. São Paulo, SP: Iluminuras, 2014.

CUNHA, Maria Helena. Gestão cultural: construindo uma identidade profissional. **XIII ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Faculdade de Comunicação / UFBA, 2017.

FEIJÓ, M. C. **O que é política cultural**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

FISCHER, F. **Marketing cultural: uso e prática em empresas brasileiras**. Dissertação (Mestrado) – COPPEAD, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

HERCULANO, Mônica. **Lei Sarney, Lei Rouanet, Procultura: história, avanços e polêmicas**. 2012. Disponível em: : <http://www.culturaemercado.com.br/procultura/lei-sarney-lei-rouanet-procultura-historia-avancos-e-polemicas/>. Acesso em: 05 jul. 2021.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

MARTINELL, Alfons. Los agentes culturales ante los nuevos retos de la gestión cultural. **Revista Iberoamericana de Educación**, n. 20, mai./ago. 1999. Disponível em: <<https://rieoei.org/historico/documentos/rie20a09.htm>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

MICELI, S. (Org.). **Estado e cultura no Brasil**. São Paulo: Difel, 2015.

MUYLAERT, Roberto. **Marketing cultural e comunicação dirigida**. 5. ed. São Paulo: Globo, 2000.

PEDROSO, Amanda S. G. **Economia da Cultura**. Disponível em: Acesso em: Julho de 2021.

REIS, Ana Carla Fonseca. **Marketing Cultural e financiamento da cultura: teoria e prática em um estudo internacional comparado**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2015.

SARKOVAS, Yacoff. Quem Paga a Conta da Cultura. **Folha de S. Paulo**, Opinião, Tendências / Debates, 09 jul. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL. Site oficial. Disponível em: <<https://ufal.br/>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

VILELA, Aloísio. **O Coco de Alagoas**. 3. ed. Maceió: UFAL, 2003.

7. ANEXOS

1. Referências filmográficas do Projeto Cine Axé

O XADREZ DAS CORES, Ficção de Marco Schiavon, Curta de 22 min., 2004.

KIRIKU (baseado em tradição oral africana), Gênero: Animação, Direção: Michel Ocelot – Raymond Buret, Duração: 1h 10min., 1998.

VISTA A MINHA PELE. Direção de Joel Zito Araújo. São Paulo: Casa de Criação/Ceert, 2004. Vídeo - DVD 23 min.

2. Registro de imagens dos projetos

Imagem 01 – Logomarca Cine Axé



Autoria: Ana Luzia, 2016.

Imagem 02 – Estrutura do Cine Axé



Foto: Thiago Melo, 2016.

Imagem 03 – Exibição Cine Axé (Escola Tavares Bastos)



Foto: Thiago Melo, 2016.

Fotografia 04 – Reunião equipe do projeto: Prof. Acioli, alunos Alex, Thiago e Juliana



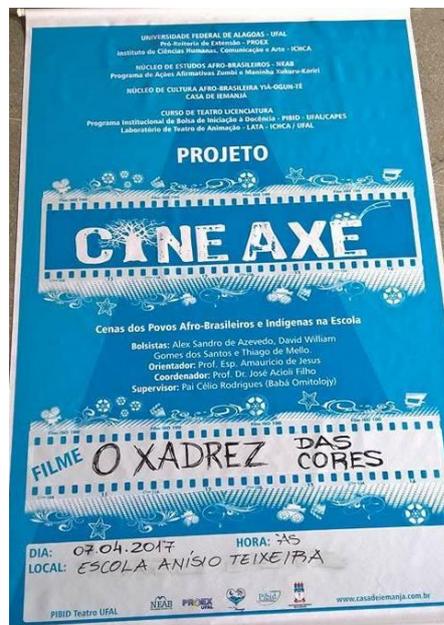
Fonte: O autor, 2016.

Imagem 05 – Juliana e Acioli



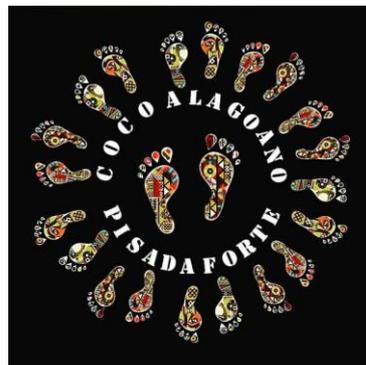
Foto: Thiago Melo, 2016.

Imagem 06 – Banner de divulgação



Fonte: O autor, 2016.

Imagem 07 – Logomarca Aula Espetáculo Coco Alagoano Pisada Forte



Autoria: Danny Carla, 2016.

Imagem 02 – Processo criativo



Fonte: O autor, 2016.

Imagem 09 – Figurinos Wagner Santos e Jackie Silva



Fonte: O autor, 2016.

Imagem 10 – Musicalidade com a Prof. Dra. Telma César



Fonte: O autor, 2016.

Imagem 11 – Apresentação 8 bienal do livro



Fonte: O autor, 2016.

Imagem 12 – Apresentação Escola Lafayette Belo



Fonte: O autor, 2016.